

A redenção do mal e do sofrimento em Louis Lavelle

SAMUEL DIMAS*

A experiência do mal e do sofrimento, na guerra, como forma de reconhecimento do caráter redentor da existência

A obra *Le Mal et La Souffrance*, de Louis Lavelle, convoca-nos para uma reflexão filosófica acerca da questão do Sentido. A experiência dramática da vida, nas suas formas absurdas do mal e do sofrimento, exige um Sentido, não apenas no plano da compreensão, mas também no plano ontológico. Para Lavelle, o fim não é a angústia e o desespero, mas a Esperança, a felicidade e a paz. A realidade encerra uma inteligibilidade, mesmo nas suas manifestações mais enigmáticas e misteriosas. Na sua procura reflexiva de sentido, o autor vai descrever o caráter redentor do mal e do sofrimento e, nesse âmbito, convocaremos para o diálogo o pensador português Leonardo Coimbra, que na sua obra *A Alegria, a Dor e a Graça*, também nos apresenta a Dor como caminho de redenção¹.

Na introdução à sua obra *Le Mal et La Souffrance*, Louis Lavelle apresenta uma palavra de abertura sobre essas noções no contexto de um tempo de guerra. O objetivo do pensador, com esta reflexão acerca do mal e do sofrimento, é poder fornecer uma leitura útil para o tempo de guerra, na procura racional e emocional do seu sentido.

Assim, em contraposição com a guerra e a sua condição de dilaceramento das almas e dos corpos, começa por descrever os sentimentos de paz e de felicidade como realidades de que só sentimos todo o verdadeiro valor e significado no momento em que as perdemos: «Há na paz uma espécie de doçura, de que só sentimos todo o valor quando a perdemos. O mesmo se

* CEFi, UCP.

¹ Cf. Leonardo Coimbra, *A Alegria, a Dor e a Graça*, Porto, Renascença Portuguesa, 1916, in *Obras Completas*, Lisboa, IN-CM, 2006, p. 139 [160].

passa em nós com a felicidade, que nos escapa quando a temos, e de que nada mais conhecemos para além da recordação»².

Nenhum homem alguma vez conheceu a paz verdadeira e nunca a virá a conhecer um dia, mas contudo, não há ninguém que não evoque a paz como o porto de abrigo onde encontrará o fim das suas tribulações e pelo qual, em terra firme, começará a viver de acordo com os seus desejos mais profundos de justiça e harmonia.

Quer no estado de paz, quer no estado de guerra, fazemos a experiência do mal e do sofrimento. Fazem parte da condição da nossa existência contingente e finita. E como também descreve Leonardo Coimbra a este propósito – ao conotar com a realidade metafísica da Dor a luz do meio-dia do movimento saudoso da criação redentora, no exílio existencial de uma vida anterior em perfeita e amorosa relação –, é pelo sofrimento que a consciência se torna mais lúcida, reconhecendo o verdadeiro alcance das suas múltiplas experiências noético-emocionais e reconhecendo o verdadeiro valor e significado do bem e da Alegria.

O sofrimento da ausência torna mais nítido o valor e verdade da presença. O distanciamento do esclarecimento lógico-concetual, associado ao doloroso e trágico movimento racional do questionamento e da procura de conhecimento, ajuda a compreender o caráter insondável e misterioso da presença imediata e pré-categorial da realidade interior e exterior e ajuda a compreender os limites da objetivação que se procura. Mas como irá advertir Lavelle, o valor da espontaneidade do estado infantil e auroral da consciência exige o labor da reflexão. Por ela reconhecemos que esse estado infantil da imediatez é mais habitado pela dolorosa tragédia da crueldade e da perversão que pela alegre liberdade do bem conquistado.

Mas, por outro lado, o sofrimento também é a primeira revelação do Mal. O mal de que o sofrimento é indício é a vida que se volta contra si mesma. Se durante a paz é possível analisá-los como acontecimentos isolados, procurando circunscrever o seu domínio e determinar a causa na procura de remédio e de fuga, durante a guerra, o mal não se experimenta apenas em nós e nos seres que mais proximamente nos tocam, mas experimenta-se num horizonte alargado. Num tempo de guerra, o mal e o sofrimento não são só ideias de que procuramos escapar, nem são realidade apenas para uma ou outra consciência mais desesperada capaz de uma meditação ou

² «Il y a dans la paix une sorte de douceur dont nous ne sentons tout le prix que quand nous l'avons perdue.» (Louis Lavelle, *Le Mal et La Souffrance*, Bouère, Dominique Martin Morin, 2000, p. 14.)

interrogação profunda sobre o seu sentido, porque adquirem um relevo e dimensão que ultrapassam a esfera individual. Já não é possível explicá-los apenas pela enfermidade individual ou pela maldade da vontade pessoal.

A guerra é sentida como uma catástrofe cósmica em que emerge o império do Mal. Se durante a paz podemos limitar-nos a tentar abolir os riscos que conduzem ao sofrimento, durante a guerra «É o próprio mal que eu converto em bem, é ao próprio sofrimento que é necessário que eu dê um sentido que o penetre e transfigure»³. A guerra dá-nos uma consciência mais profunda da necessidade de um resgate cósmico e moral, que não se realiza univocamente de uma forma mítica e mágica, mas realiza-se no projeto redentor da ação de cocriação de Deus com o homem.

Enquanto a paz pode levar-nos a adiar o pensamento da morte, a guerra confronta-nos com ela, tornando o sofrimento eminente em tudo o que amamos, obrigando-nos àquilo que o autor chama de «terrível aprendizagem do temor e da ausência»⁴. Ou seja, estabelece-nos nos sentimentos da espera e da angústia, que são os mais difíceis de suportar no sentido em que a sua essência é desejar que acabem. A guerra ao impor-nos o sofrimento, que estabelece uma igualdade entre os homens, confere uma nitidez surpreendente ao curso da vida, fazendo emergir os sentimentos mais belos e mais detestáveis.

O sofrimento, por um lado, revela-se como uma força que se opõe ao que desejamos e amamos e, por outro, extirpa a nossa segurança e dá-nos da vida, absolutamente depurada, a mais viva e dilacerante das consciências. Por detrás do estado superficial de consciência, onde se projetam todas as imagens da guerra, revela-se em nós um mundo espiritual que o nosso olhar ainda não tinha penetrado.

Um mundo iluminado por uma luz nova, em que as coisas voltam a ser aquilo que de facto são, isto é, aparências e em que os nossos atos interiores adquirem uma nova densidade, formando o mundo verdadeiro. É aqui que temos experiência do sofrimento essencial, de que os sofrimentos particulares são apenas símbolos, e que aprendemos a aceitar este mal, que é inseparável da vontade⁵.

A guerra é um ofício que coloca o guerreiro num isolamento, separado de todos os laços afetivos que o sustentavam no meio do mundo, e o leva a

³ «C'est le mal même que je convertis en bien, c'est la souffrance même à laquelle il faut que je donne un sens qui la pénètre et la transfigure.» (*Ibidem*, p. 16.)

⁴ «terrible apprentissage de la crainte et de l'abstinence.» (*Ibidem*, p. 17.)

⁵ Cf. *ibidem*, pp. 18-19.

encontrar-se na solidão de si mesmo como se descobrisse, pela primeira vez, a sua existência, agora ameaçada. Pelo desapego a que nos reconduz, a guerra mostra que o mundo novo espiritual é a única coisa que resiste quando tudo se desmorona à nossa volta. O mal e o sofrimento surgem assim incorporados na essência do nosso destino e transformados nos instrumentos da nossa paciência e da nossa coragem, pelo que, na paz reconquistada, já não se põe a questão de recusar ou esquecer o mal e o sofrimento, mas sim de os penetrar e converter. Sem eles, a existência, em vez de um combate e de uma redenção, não passaria de um sonho sem consistência⁶.

A reflexão acerca dos problemas do mal e do sofrimento como meio da sua conversão e redenção

Se por um lado a tentativa de definir, explicar e evitar o mal, parece dar-lhe uma espécie de realidade que, em rigor, ele não possui, a não ser na relação com o bem, por outro lado, só o pensamento e a vontade do bem podem dar à consciência a luz e a força que impossibilitem o mal de emergir. É apenas quando a generosidade decresce que o mal se insinua nesse espaço vago deixado na consciência.

Mas não é suficiente atendermos apenas ao bem para que o mal desapareça da nossa experiência, porque este está em todo o lado e oferece-se contra a nossa vontade, quer no modo sensível da dor e do sofrimento quer no modo moral da falta. Contra o primeiro protesta a sensibilidade, contra o segundo protesta o juízo. O mal é o escândalo do mundo e impõe a sua presença sem que a consigamos recusar completamente. No exercício da nossa liberdade temos o poder de fazer o mal, mesmo repudiando-o e, por isso, o mal não pode deixar de ser um problema. O mal não poupa ninguém, exigindo que procuremos, ao mesmo tempo, abolí-lo e explicá-lo⁷.

Ao contrário, o bem não é um problema, mas sim uma solução. É a reflexão acerca do intervalo entre o bem que queremos e o mal que fazemos que nos permite encontrar o sentido do nosso destino e o centro da nossa ação livre e responsável. O bem e o mal não existem senão na relação um com o outro. É na captação da ambiguidade entre o bem e o mal que reconhecemos a intensidade e profundidade da vida e se prova a nossa liberdade. É pelo esforço que o bem é realizado e o mal é suprimido, senão o mundo retornaria à indiferença de um puro espetáculo de seres absoluta e

⁶ Cf. *ibidem*, p. 20.

⁷ Cf. *ibidem*, p. 29.

necessariamente determinados. Restar-nos-ia assistir passivamente ao desenrolar dos acontecimentos da tragédia do Mundo. Por isso, o sofrimento adquire valor através do uso que somos capazes de fazer dele: pode-nos conduzir ao desespero, mas dá a quem o conseguir aceitar uma força e luz incomparáveis, conduzindo a experiência comum da vida à sua essência espiritual.

Neste sentido, descreve Lavelle que é a alternativa entre o bem e o mal que é a fonte da vida espiritual: é o mal que faz desejar o bem e impõe à nossa vontade o desejo de agir para o realizar⁸. Por muito intensa que seja a nossa vida espiritual, subsiste sempre nela algum mal que a obriga a transcender-se. Desejamos a purificação da nossa inteligência e a perfeição da nossa vontade para que deixemos de conhecer o mal e de o fazer. O filósofo francês descreve que se chega assim a um paradoxo: o bem, que a tudo dá valor, beleza e significação, convoca o mal como condição do seu ser. E o mal, que é a sua negação, é necessário que seja, mas não pode ser senão através de uma iniciativa que o nega ou suprime.

Ao nível da vida afetiva podemos identificar a mesma contraposição consciente entre um estado que amamos e um estado contrário que o sustenta: amamos o prazer e detestamos a dor. E estes dois estados são inseparáveis, pois quem se priva da faculdade de sofrer também se priva da faculdade de fruir e quem deseja um prazer contínuo, nada mais encontra do que a indiferença. O problema não é o sofrimento, mas o sentido que lhe damos. O problema é se nos reconciliamos ou não com as nossas dores mais profundas, e as transfiguramos em pontos de iluminação e de resgate.

O mesmo acontece ao nível da vida inteligente, pois o conhecimento ou a verdade é, para nós, apenas pelo erro de que nos liberta. A verdade é um erro retificado, não se possuindo de forma assegurada e estando suspensa da nossa ação, isto é, daquilo que podemos ou não fazer mal. É a possibilidade de haver engano que permite a existência da verdade. O mal, a dor e o erro são os termos negativos que, respetivamente, a vontade, a sensibilidade e a inteligência procuram abolir, mas sem os quais não podem passar, dado que sem eles, os termos positivos, para que tendem, não poderiam ser concebidos⁹.

⁸ Cf. *ibidem*, p. 30.

⁹ Cf. *ibidem*, p. 32.

A aceitação sacrificial da dor e da vida como forma de redenção do mal e de salvação do mundo

A dor, que não esgota a totalidade do mal, é sinal da nossa passividade e limitação e ainda antes do exercício da atividade judicativa é repudiada pela consciência. A dor é testemunho da presença do mal, mas não se confunde com ele, não é um mal absoluto e pode ser condição de um bem maior, podendo apresentar-se à inteligência como resgate da nossa limitação. Ao romper a harmonia connosco mesmos e com o universo que assegurava, até então, a nossa paz interior, a dor acusa um dilaceramento na unidade do nosso ser: «quebra este ímpeto, esta expansão natural e confiante, que os nossos prazeres e as nossas alegrias incessantemente renovavam»¹⁰. A dor em si mesma não é um mal, apenas revela que estamos expostos a investidas e ataques das múltiplas forças exteriores do Universo e adverte-nos contra perigos dos quais nos podemos ainda defender.

O mal reside na vontade e, por isso, o mundo não é mau, a não ser que fosse produto de uma vontade má e que a dor fosse o fim mesmo para o qual tende, em vez de ser um meio necessário para a criação das mais belas obras. O mal não está na dor, mas na atitude da vontade livre perante essa dor e na vontade livre de a produzir. A dor transforma-se num mal se a vontade se deixar abater pela dor sofrida ou fizer sofrer os outros. Mas se a dor for aceite e ultrapassada, converte-se num bem. A liberdade, que apenas busca o bem, dá sentido à dor e restitui-lhe uma significação espiritual, tornando-a condição do seu exercício e da sua ascensão. Embora a dor nos possa destruir, também pode ser para nós uma experiência de libertação, na medida em que, pela reflexão exigida, nos reconduz à mais profunda intimidade e raiz da vida, esvaziando a consciência de objetos, preocupações e divertimentos que a estava a preencher. E, por isso, se compreende que a relação entre dois seres é tanto mais cúmplice e próxima quanto mais sofreram em comum e um pelo outro. Aí, apesar dos confrontos de natureza e carácter e apesar dos insucessos pessoais, permanecem numa comunhão espiritual.

É pela nossa atitude perante a dor que podemos ser julgados, porque na dificuldade e na angústia que nos traz retira-nos qualquer outro recurso e força, exceto aquela que possamos encontrar no mais fundo do coração.

¹⁰ «Elle brise cet élan, cette expansion naturelle et confiante qui renouvelaient sans cesse nos plaisirs et nos joies.» (*Ibidem*, p. 33.)

E Lavelle vai ainda mais longe, acrescentando que do sentido que atribuímos à dor dependerá o sentido que o mundo terá para nós: se fosse apenas um objeto não teria significado. É a nossa vontade, preferindo o ser ao nada, que dá significado ao mundo. Pelo preço da dor e da vida, na medida em que não são sofridas, mas aceites e no sentido em que não são perdidas, mas sacrificadas, a vontade dá-lhes o seu verdadeiro significado espiritual de modo a que possam ser salvas por uma vontade que é o árbitro do bem e do mal e que pode converter em bem todos os males que não cessam de ferir a nossa natureza.

A redenção do mal e da dor, que a vida encerra, depende desta ação de colaboração entre a liberdade da vontade humana e a liberdade da vontade divina, pelo que, quando isso não se realiza no intervalo temporal da vida terrena, tem a possibilidade de se realizar no intervalo da escatologia intermédia. A salvação universal que o Criador deseja não pode deixar de se realizar sob a livre relação da Graça com a livre vontade dos homens. A mesma liberdade criadora que permitiu o afastamento das consciências da verdade, da beleza e do bem, acolherá essas consciências na vontade de regressarem ao seio do Amor pela ação de redenção ou conversão do mal, do sofrimento e da falta.

A injustiça da não correspondência entre quem faz o mal e quem o sofre e entre a felicidade e a virtude

Se o mal está na vontade exigimos que haja na consciência uma coincidência entre aquilo que faz e aquilo que sofre. Mas em geral, não acontece esta harmonia entre a dimensão ativa e passiva do nosso ser, pois nem sempre aquele que mais sofre é aquele que é mais culpado. Quando alguém faz mal, é outro que o experimenta, e reside aqui o princípio da injustiça. O mal é uma realidade que nos surpreende e perturba, porque não existe correspondência regular entre o mal sensível, que é a dor, e o mal moral, que é o pecado.

Se a disparidade entre a felicidade e a virtude fosse absoluta e definitiva constituir-se-ia como a essência do mal e, por isso, sempre foi justificada de duas formas: ou mostrando que o sofrimento resulta de uma falta ou queda desconhecida ou longínqua cujo efeito perdura na vontade, a qual precisa de ser purificada; ou mostrando que nesse sofrimento há uma prova que se for ultrapassada produzirá, no fim, a redenção ou convergência entre o querer e a sensibilidade e entre a virtude ou o bem e a felicidade. Descreve Lavelle que a fé procura unir estas duas explicações, não separando a queda

da redenção¹¹. Mas essa perfeita harmonia só é possível na eternidade da glória de Deus na vida do Paraíso celestial?

Esta noção do mal e do sofrimento do mundo como resultados de uma queda originária, que a tradição bíblica representa com as imagens do pecado de Adão e Eva e da sua expulsão do Paraíso, é a explicação apresentada, por exemplo, pela cosmologia heterodoxa de Leonardo Coimbra, que descreve a obra da criação do Universo material como um ato misericordioso de Deus para salvar as consciências que se tinham separado do seio amoroso de Deus-consciência. Sob a inspiração da teoria platónica da dupla criação de Orígenes e de São Gregório de Nissa e sob a inspiração da monadologia de Leibniz, que afirma a coeternidade das almas com o divino, o pensador português apresenta uma cosmologia em que os mundos corpóreos surgem, assim, como uma segunda criação, que se seguiu à primeira e coeterna criação das almas com Deus, isto é, surgem como o espaço de conversão da vontade livre que quis o mal e apresentam-se como lugar de redenção do sofrimento, o qual será consumado quando toda a realidade regressar à Origem da sua essência espiritual. O mundo é bom e constitui-se como meio de salvar as almas do mal, sendo toda a criação recapitulada na vida gloriosa da nova terra e novos céus.

Mas o absurdo da experiência existencial do mal levou a conceber-se uma ontologização do mal. Como ilustração, podemos referir o pensamento de Sampaio Bruno, para quem o mundo é mau e resulta da queda no seio do próprio Deus, com a conseqüente perda da sua onipotência. No princípio, Deus era o espírito homogéneo e puro ou a consciência plena. Mas, por misterioso acontecimento, não permaneceu e sofreu uma cisão, separando-se dele o mundo ou o espírito diminuído e heterogéneo. Esta heterogénea realidade atual dos corpos resulta da diferenciação e diversificação do ser divino, que sofre com o mundo a dor universal do mal e da morte, na saudosa esperança da redenção universal. O espírito puro do tempo inicial, diminuído neste Universo do Tempo derivado ou Espaço material, extenso e descontínuo, aspira a regressar ao homogéneo inicial da unidade primordial, pelo que toda a evolução, incluindo o desenvolvimento intelectual e ético do homem, se dirige no sentido da absorção final de todo o heterogéneo, consubstanciando-se a ação do próprio homem na compensação da perda da onipotência divina¹². De acordo com esta

¹¹ Cf. *ibidem*, p. 37.

¹² Cf. Sampaio Bruno, *A Ideia de Deus*, pref. Pinharanda Gomes, Porto, Lello e Irmão Editores, 1998, p. 240.

perspetiva gnóstica e maniqueísta, o próprio ser divino, diminuído pela força do poder maligno, precisa de ser redimido, contando para tal com o esforço intelectual e a prática virtuosa do ser humano na vida da sua existência.

De uma maneira ou de outra, procura-se sentido e inteligibilidade para a experiência do mal. Custa a aceitar que no interior desta vida haja um conflito irremediável entre a felicidade e o bem e haja sempre uma separação entre a dor e o mal. Como tal, ganha sentido a possibilidade escatológica de uma remissão de todo o mal, no sentido moral e no sentido ontológico. A ação redentora, desenvolvida na relação entre a liberdade da vontade humana e a liberdade da graça divina, tem como objetivo, não apenas a conversão dos comportamentos, mas também a conversão do movimento de menos ser para o movimento de plenitude do ser. Ganha sentido a possibilidade, não apenas de conversão universal da inteligência e da vontade ao bem, como também a plenificação da realidade criada finita e contingente pela ação da sua espiritualização. O sentido da Dor é compreendido, assim, não apenas no plano fenomenológico, mas também no plano cósmico e metafísico.

A desordem que corresponde à situação de infelicidade do homem bom e à felicidade do homem mau é um absurdo contra o qual se insurgem a vontade e a razão. Daí que, na procura religiosa e filosófica da inteligibilidade deste escândalo e do sentido da vida, se tenha estendido o sentido da justiça humana ao sentido da justiça divina, concebendo, de forma metafórica, que depois da morte os ímpios pagarão pelas más ações desta vida, na condenação provisória ou eterna às penas do inferno, e os homens justos serão recompensados com a alegria das delícias da vida jubilosa do céu. Dito de outra maneira, os justos viverão a paz e o amor da vida em Deus e os injustos, afastados de Deus que dá o ser, morrerão e desaparecerão.

Claro que esta procura de inteligibilidade levanta outros problemas que atentam contra a inteligibilidade, como, por exemplo, o facto de admitir a eterna coexistência entre um princípio bom e um princípio mau, o ser e o não-ser, a presença e a ausência. Partilhando a posição de Orígenes, Leonardo Coimbra procurará resolver este problema defendendo a noção de ressurreição universal, com a conversão de todos os homens ao amor de Deus, e defendendo a noção de redenção integral, com a glorificação ou espiritualização, não apenas dos corpos humanos, mas também de todos os outros seres criados. Esta solução pressupõe a noção de que só o Bem é absoluto e pressupõe a noção de um Deus misericordioso, cuja justiça é diferente da justiça dos homens. A vivência e reflexão desta Esperança

restaura a unificação interior do ser humano, proporciona a aceitação do sofrimento e a inteligibilidade da morte, possibilitando a prefiguração nesta vida da paz e alegria do Paraíso futuro.

Esta é a questão de sempre. Como é possível que a unidade da nossa vida possa ser corrompida e que não haja uma coincidência entre a felicidade e o bem e entre o mal e o sofrimento? Como é possível que uma boa ação provoque em nós infelicidade? Esta desordem atenta contra a justiça e a inteligibilidade. Como é possível conceber que, por um lado, a consciência possa crescer, perseguindo um efeito negativo ou destrutivo, e, por outro lado, que se sinta constrangida na sua ação de generosidade? Mesmo admitindo que o mais alto dos bens exija um certo sofrimento, queremos que essa dor não seja apenas consentida, mas que nos dê alegria ao sofrê-la¹³.

A definição negativa do mal e a opção fundamental entre o bem e o mal como condição do exercício da nossa liberdade

Para chegarmos a uma definição do mal, que contribua para a sua inteligibilidade e redenção, devemos recordar que se distingue do sofrimento: a dor é uma afeção da sensibilidade e o mal depende da vontade. O mal é um ato que realizamos e que provoca a diminuição de ser naqueles que o sofrem. A estreita ligação que subsiste entre um e outro encerra esta radical distinção: a dor é uma limitação e destruição involuntária, que resulta do mal que nos é feito, ao contrário do mal que é uma limitação e destruição voluntária e imposta. A dor pode ser um meio de purificação ou de crescimento e pode ser querida com o objetivo de se alcançar um bem maior.

A dor só é um mal na sua relação com a vontade. Quando é a natureza que impõe a dor, é concebida como um mal, no sentido em que se opõe ao desenvolvimento do ser humano, aniquilando a vontade. Quando a dor é efeito da vontade de alguém, junta-se a uma limitação da natureza uma limitação voluntária e isso causa-nos indignação, como se o Espírito quisesse impedir a realização do seu próprio fim.

Na maldade, a vontade de fazer sofrer tem sempre associado um motivo exterior, como se verifica, por exemplo, na vingança, em que a imposição desse sofrimento está ligada à ideia de um equilíbrio restabelecido e de uma justiça satisfeita. A maldade serve-se da dor, como meio para atingir o seu fim, mas também pode servir-se do prazer, com a vantagem de enganar o

¹³ Cf. Louis Lavelle, *Le Mal et La Souffrance*, pp. 38-39.

outro através de uma falsa aparência. O que a maldade visa é a decadência e corrupção da consciência¹⁴.

Concorda Louis Lavelle que o mal não pode ser definido de um modo positivo e não pode ser nomeado sem evocar o bem de que é a privação. O mal é uma separação e a rutura de uma harmonia, quer seja no mesmo ser ou entre todos os seres. A vontade má sacrifica o Todo à parte e em todas as suas formas procura sempre dividir e destruir¹⁵. Não há no mundo um mal radical e essencial, porque é a nossa vontade que o faz ser no exercício da nossa condição livre.

O termo «mal» é relativo e não tem sentido senão em relação com o nosso destino espiritual, que é obra da nossa liberdade. Essa liberdade não se poderia exercer se estivessem justapostos no mesmo plano os diferentes fins à escolha. A opção, que a nossa condição de seres livres exige, estabelece nas nossas ações uma hierarquia, ao ponto de cada uma delas poder ser definida como uma ascensão ou uma queda. É no plano desta liberdade radical que faz sentido a alternativa entre o bem e o mal. Há entre os objetos da vontade diferenças de valor, possibilitando a opção, mas todas estas diferenças de valor em múltiplos graus se reduzem à diferença entre o bem e o mal.

A unidade perfeita do Eu reside nesta possibilidade de escolha entre dois lados. De forma paradoxal, a nossa liberdade não pode exercer-se a não ser pela distinção entre o bem e o mal. O valor da vida reside no facto de haver nela um bem que possa ser compreendido, querido e amado. O mal é aquilo que não pode ser compreendido nem amado, mesmo que tenha sido querido pela vontade livre. No reconhecimento de que o princípio do bem e do mal está em nós, Lavelle descreve que o mal condena-nos quando o fazemos e seria a condenação do ser e da vida se fosse a sua própria essência: «O bem e o mal submetem o real ao julgamento do espírito, pois o real não se pode justificar a não ser que seja julgado como bom: dizer que é mau, é dizer que o nada lhe deve ser preferível»¹⁶.

O sentido e valor da realidade dependem da reflexão e ação do nosso ser espiritual. Contra as posições cousistas que não concebem a correlação entre o sujeito e o objeto, esclarece Lavelle que reconhecer que há mal no mundo é permitir à nossa atividade espiritual separar-se desse mundo,

¹⁴ Cf. *ibidem*, p. 41.

¹⁵ Cf. *ibidem*, p. 42.

¹⁶ «Le bien et le mal soumettent le réel au jugement de l'esprit, car le réel ne peut se justifier que s'il est trouvé bon: dire qu'il est mauvais, c'est dire que le néant doit lui être préféré.» (*Ibidem*, p. 44.)

tornando verdadeiro o materialismo. O espírito que estabeleça uma dualidade entre si e o mundo, encontra neste o mal e identifica-o como contrário a si. Mas o mundo é em si mesmo desprovido de espiritualidade. O juízo que fazemos do mal é ainda um testemunho do espírito que encontra nele o seu limite. O espírito não é uma coisa que se mostre, mas sim uma atividade e, por isso, é vida que penetra o mundo inerte, dando-lhe sentido e reformando-o.

No entanto, consideramos que esta posição de Lavelle, se ficar refém do dualismo radical, significa uma justaposição entre o espírito e a matéria, que no fim significará a separação definitiva entre a alma e o corpo, Deus e o Universo por ele criado. Se esta posição se sustentar no reconhecimento do dinamismo dialético e relacional do ser, na unidade da sua pluralidade, pode significar, no fim, a espiritualização da matéria e a glorificação da realidade corpórea, num desígnio que encerra, não uma rutura ontológica entre a realidade infinita divina e a realidade finita humana, mas sim uma verdadeira e integral redenção.

A origem da reflexão e o conhecimento responsável do bem e do mal

Na sua análise fenomenológica Lavelle afirma que o problema do mal nasce na consciência reflexiva e reconhece a existência de um nível pré-categorial ou atemático, descrito metaforicamente pelo livro do *Gênesis*, como estado de inocência, em que essa consciência ainda não sofreu nenhuma dilaceração e age através de uma espontaneidade natural e espiritual aquém do bem e do mal¹⁷. Mas estará a imagem do *Gênesis* a referir-se ao passado ou ao futuro?

Para Lavelle, a inocência do estado infantil é uma inocência negativa e insere-se num estado doloroso e de miséria pela falta de autonomia, pela entrega às necessidades da vida orgânica e pelo forte condicionamento dos instintos. Na criança estão em potência todos os bens e males que se produzirão no mundo no momento em que a liberdade começa a agir. Para que o valor da vida não seja diminuído e a consciência infantil possa desabrochar um dia nas regiões mais luminosas do mundo, é necessário mergulhar nas regiões mais misteriosas e profundas do seu ser.

Descreve Lavelle que, para além da inocência orgânica, a criança tem uma inocência espiritual que emerge depois de se satisfazerem as necessidades

¹⁷ Cf. *ibidem*, p. 46.

corporais, descobrindo o mundo num olhar desinteressado através da procura nas coisas do eco dessa realidade mais íntima que experimenta em si ainda de forma enigmática e insondável.

E a inocência acaba quando o espírito e o corpo deixam de percorrer caminhos separados e se cruzam na experiência da vida. Não é possível reconquistar esses estados primitivos de inacessível pureza, porque o interesse, a recordação e a paixão penetraram-nos, enriqueceram-nos e alteraram-nos. Já não voltamos atrás e é com aquilo em que nos tornámos que devemos progredir. Aliás, sem a consciência de si, a responsabilidade e a liberdade do homem não passaria de uma coisa da natureza. A saudade que sentimos dessa origem imaculada de nós mesmos não é a saudade pretérita de um estado anteriormente perfeito e puro, mas sim a saudade da plenitude futura em que nos realizaremos no incessante dinamismo da relação entre o esforço livre do homem e a graça livre de Deus.

É aquilo que somos, na nossa integralidade de incessante conquista e progressiva criação, que será redimido. E, por isso, não nos pode ser estranho que a tradição judaico-cristã fale da ressurreição do corpo, com toda a dimensão sensível que lhe pertence, e não apenas de uma libertação da alma ou fuga do espírito de uma realidade corpórea em que esteve encarcerada. Neste último caso, a libertação seria o regresso a um estado de perfeição antes da Criação do mundo e da unidade com o corpo, o que nós não podemos conceber senão através da ontologização do mal. Apenas considerando a criação da realidade sensível como uma coisa má ou aparente, se pode conceber que não faça parte do ser humano e do seu resgate. Somos glorificados em Deus na integralidade da pluralidade das nossas dimensões e é nesse sentido que se concebe a redenção do sofrimento enquanto realidade que experimentamos na unidade da nossa sensibilidade, imaginação e inteligência.

O romper da inocência, com a união do corpo e do espírito, é concebido por Lavelle como a condição de liberdade do ser humano, no sentido em que não há bem sem a possibilidade de se fazer o mal. Na sua perspectiva, a vida não poderia ser nossa se fosse apenas um dom recebido: a liberdade é conquistada e exige esforço para ser conservada. De uma sujeição inicial à natureza ascendemos, pela vida do espírito, a uma incessante libertação. Mas a liberdade pode ceder, tornando verdadeiro o determinismo. O espírito encontra na natureza uma forte resistência, mas não pode passar sem ela, porque reside nesse combate que com ela mantém a possibilidade de sair mais forte e purificada. A existência da vida do espírito justifica-se pelo que

acrescenta à natureza e não o pode fazer senão pela reflexão. É na reflexão que se vão formando as noções de bem e mal¹⁸.

A reflexão tem origem em três planos fundamentais. Em primeiro lugar, quando a espontaneidade da experiência atemática de espanto e louvor encontra uma resistência que a obriga a dobrar-se sobre si mesma, isto é, a tomar consciência do fim para que tende e a interrogar-se sobre a sua possibilidade e o seu valor. Em segundo lugar, a reflexão é inseparável da consciência temporal, na medida em que a nossa separação e distinção do que nos é dado acontece a partir do momento em que conseguimos opor ao presente um passado e um futuro, realidades que não podem ser senão pensadas. Em terceiro lugar, a reflexão nasce da relação com os outros seres, que pela semelhança ou diferença nos obrigam a tomar consciência da nossa imagem e nos obrigam a agir para resolver os múltiplos problemas que decorrem desses encontros¹⁹.

A reflexão aplica-se, antes de mais, à resolução das questões e problemas que resultam dos comportamentos dos homens uns com os outros. Mais que aos objetos e às coisas, a reflexão aplica-se às pessoas. As pessoas têm uma consciência impenetrável e uma liberdade inviolável e, por isso, as relações exigem acordo e cooperação. A reflexão que se destina às pessoas e não às coisas, torna-se boa ou má. A reflexão é orientada para a procura do valor moral e apenas se torna decisiva quando se destina ao eu e à sociedade.

É no exercício da reflexão que se dá a diferenciação entre o bem e o mal. Só adquirimos a livre disposição de nós mesmos através da reflexão. É ela que faz de nós autores das nossas próprias ações e nos obriga a justificá-las. No momento em que isso acontece, a presença da natureza é sentida como uma escravatura, como algo que se impõe contra a nossa vontade. No entanto, adverte Lavelle que não é a natureza que é má, mas que é tornada má pelo espírito que se lhe sujeita. Ao contrário, se o espírito iluminar a natureza no seu interior, faz dela meio do seu próprio progresso e eleva-a até ao seu próprio nível²⁰.

Na perspetiva de Lavelle, pode-se ter saudade da experiência espontânea e inocente da criança, mas é só com a reflexão que começa a vida do espírito, pelo que considera que o paraíso da infância é uma representação falsificada. A saudade da infância é um desejo contraditório, pois o que nós verdadeiramente desejamos não é retornar a essa simplicidade instintiva e

¹⁸ Cf. *ibidem*, pp. 48-49.

¹⁹ Cf. *ibidem*, p. 50.

²⁰ Cf. *ibidem*, p. 51.

nebulosa, mas sim tomar dela todos os recursos que uma consciência adulta pode descobrir. A reflexão produz em nós uma cisão em relação à natureza e obriga-nos a transformar o mundo e a melhorá-lo²¹.

O paraíso de que temos saudade não é o paraíso perdido do passado ingénuo e inocente da nossa infância – em que a admiração e o louvor da experiência imediata de existir nos apresenta, ora uma configuração absolutamente naturalista e empírica da vida, ora uma visão indistinta das ordens mundana e divina, isto é, uma indiferenciação cósmica e panteísta do real –, mas sim o paraíso futuro de uma experiência consciente que, na unidade da intuição, da razão e da emoção, depura o conhecimento das visões míticas e antropomórficas ou das crenças materialistas e idealistas, e reconhece a unidade plural do Ser, que vai desde a realidade inerte até ao espírito divino.

Ao deixar de ser espontânea e ao ser determinada pelo conhecimento, a ação liberta-se da unidade indiferenciadora das configurações míticas e mágicas do real. A reflexão produz em nós uma cisão, mas oferece uma luz de que estávamos privados, exigindo, não apenas uma nova representação do real, mas também a sua crescente e melhorada recriação.

É na relação entre o conhecimento e a ação que reside a origem do mal. Embora o conhecimento nos eleve da simples natureza para a vida do espírito, sendo a condição da nossa liberdade, não se basta a si mesmo, pois pode servir em nós o egoísmo e o desejo de domínio e de poder²². Tal como é enunciado no relato do *Génese*, é o conhecimento do bem e do mal que leva a fazer o mal. O bem é invisível, não pode ser apreendido como um objeto, pelo que se desvela misteriosamente àquele que o quer e não àquele que o procura ver e possuir no domínio da razão lógico-analítica. Ao fazer o bem, o eu esquece-se de si mesmo, mas ao querer conhecê-lo, é para dele se apoderar. O conhecimento muda o bem em mal no desejo de fazer dele o seu bem. Para Lavelle, o bem e o mal nascem da reflexão, quando ela se interroga sobre a sua intenção, mas são coisas que não podem ser conhecidas, no sentido de se saber acerca do seu fim: o que permite preservar o bem na vontade e no seu movimento espiritual mais puro, evitando que se torne em mal no conhecimento, é o facto de o fim do bem não poder ser representado²³.

²¹ Cf. *ibidem*, pp. 51-52.

²² Cf. *ibidem*, p. 52.

²³ Cf. *ibidem*, p. 53.

A distinção entre o bem e o mal é inseparável do advento da consciência, provocando, não apenas a angústia, mas exigindo também que nos elevemos do plano natural ao plano espiritual, tomando responsabilidade pelas nossas ações, num ato que já significa autojuízo. A reflexão conduz-nos a criar uma interioridade e a não nos deixarmos conduzir pelas forças naturais. Ou seja, a reflexão leva-nos a descobrir dentro de nós, não apenas uma vida secreta, mas uma vida que depende de nós, uma potência de agir que vai formar o nosso destino e a transfiguração do mundo. Obriga-nos a assumir a responsabilidade por nós mesmos; não existimos senão no seu dinamismo de livre iniciativa, como pessoas ou consciências²⁴.

Somos obrigados a assumir a responsabilidade de nós mesmos e do mundo: ou consideramos o *eu* como o centro do mundo ou fazemos do *eu* veículo do espírito, através do qual todo o mundo é fecundado, recebendo um sentido e um valor. O espírito não recusa a natureza, como defendem as posições dualistas. No contexto deste problema do mal, podemos ter três atitudes diferentes perante a realidade natural do mundo. Na perspectiva ingênua e otimista, representada pela teoria do bom selvagem, vendo a natureza em permanente louvor da sua manifestação estética e do seu movimento instintivo, perante os quais o pensamento, mais não faz que corromper. Na perspectiva pessimista, a realidade da natureza é considerada sempre má, por contraposição com a idealidade do espírito, como defendem os dualismos maniqueístas. Para Lavelle há uma terceira posição que é a de considerar que a natureza não é boa nem má, pois isso é um juízo do espírito após a opção prévia da vontade, na distinção das ações que trazem consigo generosidade ou egoísmo, paz ou violência. Ao problema do sentido da vida humana, o bem dá uma resposta satisfatória, enquanto o mal o deixa sem solução e cria novos problemas contra os quais a inteligência se insurge²⁵.

A descrição do ato de sofrimento (dor moral) como condição de crescimento interior e união espiritual: as atitudes negativas e positivas

A dor é um dilaceramento interior, em que o eu que a sofre adquire uma profunda consciência de si e uma consciência de profunda ligação à vida.

²⁴ Cf. *ibidem*, p. 54.

²⁵ Cf. *ibidem*, p. 56.

A dor é uma ameaça, há nela uma evocação da morte. Pela dor, a morte revela-se na própria vida²⁶.

Mas a dor tem a função de nos religar à consciência da alegria e da felicidade: só temos consciência de termos sido felizes quando já não o somos. Na dor confessamos a presença do nosso *eu* real, que na alegria e no prazer tinha sido abandonado. Contra a tese empirista de que os estados de consciência não são mais que tradução dos estados do organismo, temos de considerar que, para além da dor física, relacionada com as lesões corporais, há a dor moral, que prevalece em significação e valor e nos remete para a compreensão de sentido e compreensão do nosso destino.

Ao contrário da dor física, que paralisa as potências da consciência, a dor moral preenche toda a capacidade da nossa alma. Mais que sofrer a dor e recusá-la, no caso do sofrimento moral, tomamos posse e procuramos penetrá-la: sofrer é um ato que realizamos. Enquanto a dor física está ligada ao corpo e ao instante, processando-se um alívio assim que cessa, o sofrimento está ligado ao tempo, é um mal experimentado no presente que abandona o instante para preencher a duração, alimentando-se, não de golpes exteriores, mas de nós mesmos e das nossas representações. Se no caso da dor, a consciência procura reprimi-la, no caso do sofrimento, embora a consciência não queira sofrer, de forma contraditória, alimenta-se desse fogo, porque não é um estado de pura inércia e silêncio interior. O *eu* está totalmente comprometido com o sofrimento e é necessário que não cesse de o consentir e aprofundar²⁷.

Ao contrário da dor física, que se situa na relação do corpo com as coisas, o sofrimento situa-se no plano das nossas relações com os outros seres: «A possibilidade de sofrer mede a intimidade e a intensidade dos laços que nos unem a uma outra consciência»²⁸. Daí que a indiferença se apresente como uma proteção contra o sofrimento. A capacidade de sofrer é proporcional à afeição que experimentamos por alguém. Ao contrário das relações com as coisas, que têm interesse no instante, as relações com as pessoas têm interesse na vida inteira, na duração temporal e na eternidade. Muito mais interior que uma sensação, que se situa ao nível do perigo da vida corpórea, o sofrimento remete-nos para o plano espiritual, num alcance de ordem metafísica: o sofrimento que experimentamos através do corpo é o sofrimento

²⁶ Cf. *ibidem*, p. 57.

²⁷ Cf. *ibidem*, p. 61.

²⁸ «La possibilité de souffrir mesure l'intimité et l'intensité des liens qui nous unissent à une autre conscience.» (*Ibidem*, p. 62.)

do nosso ser integral. A compreensão e justificação dos nossos sofrimentos variam com as oscilações do conhecimento e do querer.

Se a dor for concebida como uma mera sensação, não é boa nem má, a não ser pela posição da consciência a seu respeito, isto é, pela forma como a sofremos. Mas se a dor corresponder a uma diminuição de ser, isto é, se corresponder à passagem de uma perfeição maior a uma perfeição menor, como o entendem Sampaio Bruno e Espinosa, devemos considerar que a dor é sempre má? Como esclarece Lavelle, tendo em consideração que o sentimento dessa perda introduz em nós um acréscimo de consciência, que não é em si mesmo uma perda, então não se pode dizer que é uma realidade má em si mesma. Pelo sofrimento, nasce em nós um ser novo, que não existia antes de termos começado a sofrer: aquilo que foi retirado no plano da espontaneidade foi compensado no plano da reflexão e da vontade. Pela passagem do plano instintivo ao plano reflexivo, cabe-nos a nós decidir se esta perda não se poderá transformar em proveito, como se vê em certas consciências cuja pureza e riqueza são proporcionais às provas²⁹. Há pessoas que passaram por tanto sofrimento e manifestam uma serenidade e paz interior que é absolutamente desconcertante.

A interpretação que se tem da dor depende da interpretação que se tem da vida. Numa perspectiva materialista, em que a verdadeira realidade é atribuída aos objetos e aos corpos e em que o espírito é concebido como ilusório, não há consolo para os males da vida, a não ser pelo que pode advir da imaginação. Por outro lado, a dor não é a experiência trágica que nos obriga a reconhecer que é a essência do real, residindo no corpo despedaçado que progressivamente vai perdendo a vida. Por intermédio da dor e apesar dela, tomamos consciência da nossa realidade mais autêntica e mais pessoal. Isto significa que o valor da dor reside apenas no modo como dela dispõe a nossa atividade consciente, permitindo transformá-la, quer em bem quer em mal, sendo isso uma forma de medir a nossa coragem e liberdade³⁰.

De acordo com Lavelle, as atitudes negativas que tomamos a respeito da dor e que resultam do facto de a considerarmos como uma realidade já pronta que não podemos senão expulsar ou sofrer, apresentam-se sob quatro formas diferentes: abatimento, revolta, separação e complacência. O abatimento dá-se no âmbito de uma dor intensa que impede a atividade livre de se exercer. Por ação da dor, a consciência pode entrar num estado de

²⁹ Cf. *ibidem*, p. 63.

³⁰ Cf. *ibidem*, p. 64.

prostração, desmoroando-se a nossa capacidade de iniciativa. No sentido em que impede o diálogo connosco próprios e impossibilita a capacidade de dispormos de nós mesmos, a dor é um mal. Um mal resulta, não da opção, mas da incapacidade de optar. No plano do abatimento a consciência está em passividade pura³¹.

A estranheza com que se sente a dor dominar e aniquilar a vontade conduz ao sentimento oposto da revolta. Esta situação resulta do facto de *eu* não conseguir dominar a dor, não a submetendo a juízo algum nem procurando ver se há nela alguma inteligibilidade ou alguma condição de um bem que não poderia ser adquirido senão por ela. A revolta mostra a nossa impotência, tornando impossível que a atividade construtiva tire partido da dor para edificar um mundo novo. Neste caso, o mal não reside na dor, mas sim na atividade que se lhe aplica, que em vez de procurar descobri-la sentido e que em vez de procurar encontrar nela uma provação que é necessário ultrapassar para a consciência crescer e fortificar-se, toma-a como pretexto para se revoltar contra a própria vida³².

Como vimos anteriormente, a dor dá-nos um sentimento muito vivo da nossa existência individual. Esse momento de gravidade, que penetra a nossa intimidade mais secreta, leva-nos muitas vezes a encerrar-nos na solidão e a separar-nos dos outros homens. Torna-nos atentos apenas a nós e indiferentes a tudo o que nos rodeia, produzindo uma verdadeira separação que nem a simpatia ou a piedade conseguem vencer. A dor torna-se um mal, porque leva ao rompimento das relações com o mundo, num egoísmo doloroso³³.

A placência é o contrário da revolta, mas não deixa de ser uma atitude negativa, porque se procura nutrir a dor no fundo de si, retirando-se dela uma espécie de volúpia ou gozo amargo. Uma vez que o sofrimento pertence ao nosso ser mais pessoal, parece que a dor nos enaltece. Neste sentido, a separação é interpretada como distinção e exceção, na medida em que a dor que temos e que não é experimentada pelos outros se apresenta como marca do nosso destino. Neste contexto se considera que a nossa sensibilidade se mede menos pela nossa aptidão para o prazer do que pela nossa capacidade de sofrer, explicando a razão pela qual alguns géneros literários como o drama trágico e a poesia lírica têm o sofrimento como objeto. Neste

³¹ Cf. *ibidem*, p. 65.

³² Cf. *ibidem*, p. 66.

³³ Cf. *ibidem*, p. 68.

caso o mal reside numa certa suspeita no universo que nos leva a amar em demasia a dor do mais fundo de nós mesmos³⁴.

Mas a atividade do espírito tem de aprender, não apenas a suportar a dor e a tentar expulsá-la, mas também a penetrá-la e a fazê-la sua. A dor não é apenas uma privação ou diminuição do ser, porque há nela uma dimensão positiva que se incorpora na nossa vida e a transfigura³⁵. Quando analisamos as nossas dores, verificamos que deram à nossa vida uma determinada seriedade e profundidade, proporcionando-lhe um determinado sentido. O que é que a dor é capaz de nos dar quando lhe aplicamos a vontade de forma correta?

Não há dúvida que a dor provoca dilaceração e divisão de si consigo mesmo: há uma rutura do ser interior, na medida em que a consciência perde a sua unidade, porque ao mesmo tempo há um ser que sofre e um ser que não quer sofrer. Neste sentido, por um lado podemos dizer que há privação de ser, porque não há dor senão houver uma lesão que nos afeta, mas por outro lado, também podemos dizer que essa privação não é verdadeira, porque a dor oferece à consciência um relevo psicológico surpreendente de importância privilegiada: é perante o constrangimento da dor e graças à maneira que a nossa vontade dispõe dela que a nossa vida, por vezes, recebe os seus desenvolvimentos mais belos. De acordo com o significado que a nossa vontade é capaz de dar à dor, esta pode ser para nós uma advertência, uma condição do nosso aprofundamento, um meio de comunhão com as outras consciências e até um instrumento de purificação interior³⁶.

A dor é uma advertência para um perigo que nos ameaça, é um sintoma de uma doença que faz perigar a nossa saúde e, como tal, não é um mal em si mesma. A dor mobiliza todas as nossas potências interiores para defender a nossa vida. A capacidade de sentir dor e a capacidade de sentir prazer são dois aspetos inseparáveis da sensibilidade. A dor torna a inteligência e a vontade atentas, proporcionando a descoberta dos mais nobres valores: a dor mais insignificante possui já uma profundidade metafísica. A dor física revela a presença do nosso corpo, não como mero objeto, mas como realidade inseparável da consciência que temos de nós próprios, reavivando a consciência da vida, tantas vezes adormecida³⁷.

³⁴ Cf. *ibidem*, p. 69.

³⁵ Cf. *ibidem*, p. 70.

³⁶ Cf. *ibidem*, p. 71.

³⁷ Cf. *ibidem*, p. 74.

Mas o sofrimento moral vai ainda mais longe: revela-nos tudo o que amamos, expondo todas as potências misteriosas que residem nos lugares mais recônditos do nosso ser e alargando sem cessar os nossos limites. A dor desce até à nossa essência, dissipando a nossa alma dos estados de frivolidade e divertimento superficial em que se encontrava. É a dor que dá à vida a sua gravidade. A dor despoja o nosso ser interior daquilo que tem e inclina-o sobre aquilo que é, revelando-lhe o sentido perdido e conferindo-lhe uma importância infinita.

Ao assumirmos em nós a dor, fazemos dela o meio do nosso próprio desenvolvimento. A dor está associada à ideia de carência e de insuficiência, ou seja, a dor é a consciência que tomamos de todas as nossas formas de miséria, tornando-se a condição do nosso progresso interior. O sentido da dor é obrigar-nos a transpor-nos para um estado que a ultrapasse, não, num sentido de regresso à situação anterior, mas num sentido de progresso para um estado superior de desenvolvimento e crescimento humano. Não há na vida interior nenhuma região em que o sofrimento não possa penetrar e toda a nova aquisição é ocasião de uma nova mágoa e condição de uma nova conquista³⁸.

A mesma dor que é motivo de separação e de isolamento, se for dominada pela nossa liberdade, é fator de comunhão. Aquele que sofre sente sempre ligação com aquele que o faz sofrer: é através dos seres que mais amamos que sofremos mais dor, como é por eles que experimentamos mais alegria. O sofrimento é tanto maior, quanto mais próximos se encontram os seres. Sofremos pelo que nos separa em proporção ao desejo de união que temos. Mesmo nas formas mais altas de comunhão, confiança e alegria, que ocorrem entre dois seres humanos pela penetração na solidão um do outro, há o convívio entre uma imensa esperança e uma dolorosa ansiedade de se voltar ao estado dessa solidão. Há uma ansiedade saudosa que é marca do caráter sagrado da solidão e do milagre que a ultrapassa, isto é, que é marca da alteridade dos seres. No progresso ascensional da consciência, cuja consumação plena se dá na escatológica fraternidade universal do amor divino, a separação e a comunhão, o sofrimento e a alegria constituem uma unidade³⁹, sem que isso signifique uma mesmidade.

A dor é um meio de aprofundamento e crescimento interior, na medida em que também é um meio de despojamento e purificação. A vida

³⁸ Cf. *ibidem*, p. 76.

³⁹ Cf. *ibidem*, p. 78.

espontânea do pensamento vulgar torna-nos escravos das influências do meio envolvente. Cabe à vida espiritual a libertação dessas formas de escravidão de modo a nos encontrarmos a nós mesmos na atividade interior que nos faz ser em contínuo enriquecimento. O importante não é o que nós temos, mas a nossa atitude perante o que temos, e isso é válido para os bens materiais, como é válido para os bens espirituais. De forma a desfazer a vaidade e a sairmos do nosso egocentrismo, é necessário o desprendimento em relação ao que possuímos, não apenas no que se refere aos objetos materiais, mas também em relação aos bens invisíveis do saber, da inteligência e da virtude.

A dor é um fator de despojamento, que nos leva a desviar do que temos para aquilo que somos. Em primeiro lugar, há uma violência que nos é imposta pelo bem que nos é retirado e depois há uma purificação que se concretiza de diversos moldes. Uma vez o objeto parece-nos miserável e sentimos uma libertação. Outras vezes o valor desse bem que nos é retirado não deixa de se multiplicar e revelar, precisamente no momento em que estamos privados da sua presença sensível, como acontece aquando da morte da mãe, de um filho ou de um amigo. Parece que é nessa ausência que os começamos a conhecer e que sentimos que não os tínhamos verdadeiramente amado. A nossa dor muda de natureza, aprofunda-se e espiritualiza-se, naquilo que constitui o sentimento superior ou metafísico da saudade, que, na ausência sensível, significa a presença espiritual da pessoa amada, tornando-a viva em nós e realizando com ela essa união que tínhamos procurado outrora e que relações demasiado felizes ou demasiado superficiais tinham impedido⁴⁰. Este é o verdadeiro significado da saudade transcendente que, na ausência física, possibilita a instauração de uma verdadeira relação espiritual de profunda comunhão entre os seres.

Há na dor uma virtude purificadora, tal como se manifesta tradicionalmente na prática de infligir um mal à sensibilidade sempre que a vontade faz mal, como forma penitencial de restabelecer uma harmonia quebrada. Mas não é a própria dor que purifica: toda a cura resulta de uma reação da alma ou do corpo de que a dor não é senão a marca. Até porque a dor sofrida em vez de apagar a falta, pode agravar o mal, produzindo cólera ou rancor. A dor apenas pode purificar se for aceite, através de uma reflexão que se lhe aplique e a transforme e assim seja querida ao mesmo tempo que sofrida. A cura é uma conversão interior da alma, a qual não se produz sem a

⁴⁰ Cf. *ibidem*, p. 80.

recordação da falta, cuja representação é suficiente para nos fazer sofrer. Mas nessa situação o sofrimento faz uma unidade com a purificação: ninguém se pode libertar do mal se não sofrer pelo facto de o ter feito e, aqui, o sofrimento é um efeito da reflexão. Há no arrependimento um retorno a si mesmo, que não fica bloqueado na falta passada, mas que quer que o futuro seja diferente. Este sofrimento do arrependimento é o sofrimento que nos modifica e que está na origem de todo o recomeço e de todo o renascimento, constituindo uma estreita ligação entre a sensibilidade e a vontade. O eco que a falta do passado tem em mim é doloroso, porque a minha vontade presente já não se quer identificar com aquele que a cometeu. Sofrer é ter consciência da falta, o que significa estar para além dessa falta⁴¹.

A solidão essencial como condição para a reflexão que possibilita a conversão do sofrimento e do mal

O homem é reenviado ao mais fundo de si mesmo pelo Mal e pelo Sofrimento. E afirma Lavelle que, nessa experiência, o ser humano «[...] parece descobrir uma hostilidade oculta no interior mesmo da criação, como se o seu autor, arrependendo-se de lhe dar o ser, no próprio momento em que lho dá, misturasse em toda a sua obra um germe destinado a corrompê-la e a destruí-la»⁴². Nesse contacto consigo e com o mundo, a sua existência aparece-lhe separada, numa solidão impenetrável por qualquer outro ser.

É neste contexto que se apresenta o segundo ensaio, que faz parte desta obra – com o título *Tous les hommes séparés et unis* – como contrapartida do primeiro, no sentido em que é pela intimidade dessa solidão que todos os homens se descobrem iguais e irmãos e aprendem a tomar consciência dos males da vida, sendo que essa progressiva consciência é já a forma de ascendente aceitação e cura dos mesmos.

Há aqui uma valorização da solidão, como forma de se romper com os laços superficiais de distração na relação com os outros e de se progredir para uma união mais pura e profunda. Na guerra são quebrados os laços que sustentavam a existência anterior e entra-se numa sociedade totalmente

⁴¹ Cf. *ibidem*, p. 82.

⁴² «[...] semble découvrir une hostilité cachée à l'intérieur même de la création, comme si son auteur, se repentant de lui donner l'être au moment même où il le lui donne, mêlait à tout son ouvrage un germe destiné à le corrompre et à le détruire.» (Louis Lavelle, *Le Mal et La Souffrance*, p. 21.)

diferente, ao mesmo tempo anónima e hierárquica. Mas essa solidão, pela ausência dos amigos e dos hábitos familiares e pela presença de homens na condição de iguais, mas que se ignoram, é de uma grande potência, pois, no confronto com os perigos, em que uns serão atingidos e outros poupados, dá-se o confronto da consciência com o seu destino. A consciência ao converter a posse do conforto da existência anterior numa pura recordação é obrigada a procurar em si própria o único princípio da sua angústia ou da sua consolação.

Neste sentido, a solidão encerra, pois, um duplo movimento: num primeiro momento apresenta-se como um abandono, como algo que nos priva do nosso conforto e segurança num mundo hostil e indiferente; num segundo momento obriga-nos a descobrir uma força e uma luz que o mundo é incapaz de nos dar e que apenas reside no interior de nós mesmos. Como escreve Lavelle acerca desse nível de consciência em que apenas nos relacionamos com os nossos pensamentos, sentimentos e recordações, as realidades que nos eram mais familiares adquirem um significado e valor que não tinham quando dispúnhamos da sua presença sensível, como se só depois disso comesçassem a ser: «Na solidão aprendemos que toda a realidade é interior e que tudo o que olhamos com os olhos do corpo não é senão uma expressão que a manifesta, uma ocasião que lhe permite aparecer ou uma prova que a julga»⁴³.

Nesta solidão, após a queda do cenário que dissimulava a verdade pela dispersão aparente do teatro da vida, a realidade fica reduzida para nós à sua essência espiritual. Assim, mais que uma separação e um fechamento, a solidão é uma abertura em que o mundo encontra em nós um acesso anteriormente inexistente. Por um lado dá-se a separação deste mundo, na medida em que a multiplicidade de caminhos, que anteriormente se comprometia com a nossa vontade e desejo, deixa de existir, aprisionando-nos numa indiferenciação entre o horizonte e os nossos limites. Por outro lado, o nosso olhar abre-se progressivamente a uma nova luz e a um novo mundo que parecia oculto. Vai-se formando em nós um novo horizonte e a solidão deixa de ser um fardo que oprime para passar a ser um refúgio. Assim, acedemos a uma nova experiência: sentimo-nos menos sós quando estamos sós de que quando estamos acompanhados.

⁴³ «Dans la solitude, nous apprenons que toute réalité est intérieure et que tout ce que nous regardons avec les yeux du corps n'est qu'une expression qui la manifeste, une occasion qui lui permet de se faire jour ou une épreuve qui la juge.» (*Ibidem*, p. 23.)

De forma progressiva, esta solidão preenche-se com uma presença espiritual que dá a todos os objetos possíveis do nosso pensamento e do nosso amor uma existência mais intensa que a dos corpos. Neste estado de solidão, que segundo os místicos tem Deus como única companhia, o eu deixa de nos dar preocupação e cuidado porque está livre de todo o interesse. E também não nos retira do mundo, porque o mundo novo não é mais que o mesmo mundo onde sempre vivemos, mas iluminado por uma nova luz. Não se trata de um movimento gnóstico de desprezo ou fuga do mundo, mas sim de uma experiência de transfiguração da realidade corpórea pelo desvelamento da sua essência espiritual que estava encoberta pelo pó das relações quotidianas superficiais.

É na ausência que se revela a essência misteriosa dos outros seres. É agora que deles estamos separados, que a eles nos encontramos verdadeiramente unidos. A guerra ensina-nos a praticar esta comunhão com o próximo. O laço que une os guerreiros, como o laço que une os membros de uma religião, não é o de parentesco ou de amizade, mas sim o laço do Espírito. Na solidão da guerra, como na solidão silenciosa da oração, as outras pessoas, únicas como nós, mas partilhando a mesma humanidade, são ao mesmo tempo presentes e ausentes. São relações despidas de todo o artifício e interesse, não arrastando o peso do passado nem as expectativas do futuro, mas esgotando-se no valor atual e total do puro presente. Não é pela rutura, mas sim pelo aprofundamento da solidão que as pessoas se tornam capazes de comungar. A individualidade não é eliminada pela comunhão, mas é enriquecida por um sentimento de viva reciprocidade que promove a cooperação. Como realça Lavelle, é no momento que temos a consciência dolorosa da separação que mais verdadeiramente nos sentimos unidos e irmãos uns dos outros: «Toda a vida do espírito reside numa misteriosa identidade da ausência e da presença»⁴⁴.

O espírito realiza a separação em relação àquilo que anteriormente nos era dado e parecia bastar-nos e essa ausência vai tornar-se numa misteriosa presença em nós mesmos e a tudo o que é, constituindo-se, ao mesmo tempo, uma saída de si e uma penetração na essência de todas as coisas. Os seres que estão longe de nós, pelo afastamento da sua realidade corpórea, adquirem uma presença pura tão comovente e penetrante que temos dificuldade em suportá-la e nessa saudade se revela a sua verdadeira espessura espiritual. Que a presença sensível cesse de nos cegar ou contentar, para que

⁴⁴ «toute la vie de l'esprit réside dans une mystérieuse identité de l'absence et de la présence.» (*Ibidem*, p. 25.)

quando estivermos de novo no meio deles possamos recordar a presença espiritual revelada na ausência.

Só o longínquo nos pode revelar o próximo e só a solidão é suficientemente profunda para acolher o sofrimento e nos purificar do mal e suficientemente vasta para acolher a realidade total de um outro ser. Olhado na perspectiva mundana daquilo que nos é oferecido aos sentidos, o próprio Deus não pode deixar de ser definido como «Solitário infinito», «perfeito Separado» e «eterno Ausente», aparecendo-nos o mal e o sofrimento como coisas sem remédio que nos infernizam a vida. Como descreve Lavelle, a conversão do mal e do sofrimento só é possível, porque, quando a atenção se torna mais lúcida e a boa vontade mais pura e confiante, «[...] este Solitário preenche a nossa própria solidão, este Separado nos liberta da nossa separação, neste Ausente encontramos a presença absoluta a nós mesmos e ao mundo»⁴⁵.

⁴⁵ «[...] ce Solitaire remplit notre propre solitude, ce Séparé nous délivre de notre séparation, dans cet Absent, nous trouvons la présence absolue à nous-même et au monde». (*Ibidem*, p. 26.)